



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 1 | JAN-MAR 2020

A DESPOSSessão DO CORPO E A BUSCA DO IMPOSSÍVEL EM ALEJANDRA PIZARNIK E GEORGES BATAILLE



THE DISPOSSESSION OF THE BODY AND THE SEEKING OF THE IMPOSSIBLE IN ALEJANDRA PIZARNIK AND GEORGES BATAILLE

ANITA RIVERA RIVERA GUERRAA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 17/09/2019 ● APROVADO EM 08/12/2019

Abstract

The following paper is an attempt to read the poetic work of Alejandra Pizarnik – represented here by selected poems from the books *Diana's Tree* (1962) and *Works and Nights* (1965) – convocating passages from the diaries that kept between 1954 and 1972 and the theoretical body of Georges Bataille, represented especially by the book *The Inner Experience*, originally published in 1943. The purpose is to create considerations and propositions about the relation between subject, object and poetry from the notion of the dispossession of the subject in contact with the word – and the limits of this dispossession, precisely created by this contact.

The paper is, also, a reading of Bataille's philosophy as a poetic experience, and of Pizarnik's poetry as a philosophical experience; we start from the consideration that both treat, through the words, of their impossibilities, and end up in an irresolutionary path towards the understanding of the subject who also sees himself as an other. Impossible or not, is through the words that both run off their anguish and seek, in a way, the completeness of this subject who is also object.



Resumo

O presente artigo é uma tentativa de ler a obra poética de Alejandra Pizarnik – representada aqui por poemas selecionados dos livros *A árvore de Diana*, de 1962, e *Os trabalhos e as noites*, de 1965 – convocando trechos dos diários que manteve entre 1954 e 1972 e o corpus teórico de Georges Bataille, representado especialmente pelo livro *A experiência interior*, publicado originalmente em 1943. O objetivo é tecer considerações e propostas acerca da relação entre sujeito, objeto e poesia a partir da noção de despossessão do sujeito em contato com a palavra – e os limites dessa despossessão, justamente traçados por esse contato. O artigo é, também, uma leitura da filosofia de Bataille enquanto experiência poética, e da poesia de Pizarnik enquanto experiência filosófica; partimos da consideração de que ambos tratam, por meio das palavras, das impossibilidades das mesmas, e acabam por percorrer um caminho sem resolução em direção a uma compreensão do sujeito que também se vê enquanto um outro. Impossíveis ou não, é através das palavras que ambos escoam as angústias e buscam, em certo sentido, a completude desse sujeito que também é objeto.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Alejandra Pizarnik; Georges Bataille; poetry; subject.

PALAVRAS-CHAVE: Alejandra Pizarnik; Georges Bataille; poesia; sujeito.

Texto integral

“Fazer com meu corpo o corpo do poema”¹ (GUERRIERO, 2016, p. 331), dizia Pizarnik. Desde a adolescência, Alejandra enfrentava problemas em relação à aparência; mais velha, seu corpo continuava a ser uma grande fonte de angústia no que diz respeito à estética e aos desejos eróticos – em particular, os homossexuais. Para alguns amigos, apresentava suas namoradas; para outros, negava relacionar-se com mulheres. Nos diários que escrevia desde a juventude, dizia sentir desejo por ambos os gêneros, apesar de considerar os homens apenas como “objetos sexuais”: “Esta é minha originalidade, creio. Uma sorte de lésbica normal” (PIZARNIK, 2003, p. 235)². “Acontece que me assusta a palavra ‘homossexual’. Preconceitos velhos em minha vida jovem” (GUERRIERO, 2016, p. 333)³ afirma, em outra passagem.

Mas o mal-estar vinha fundamentalmente do desejo enquanto tal, seja direcionado ao que fosse; sua angústia vinha do “medo de desejar e seu contrário: o desejo absoluto impossível de satisfazer neste mundo” (PIZARNIK, 2003, p.

259)⁴. Em diversas passagens dos diários narra o sofrimento que sentia após comer ou ter relações sexuais: “sinto um prazer absoluto [em comer]. Por isso tanta culpa, tanta miséria posterior” (ibidem, p. 286)⁵; “uma vez terminado o ato de amor há uma tristeza de desejos apagados, uma desordem muda, um arrependimento absurdo” (ibidem, p. 288)⁶. Em outras, descreve episódios de compulsão alimentícia e sexual, seguidas desta culpa que a dilacerava.

Hoje pela manhã me disse que não vou negar nunca mais nenhuma experiência sexual, seja com quem for. Até o presente minhas experiências foram promíscuas, de hoje em diante o serão mais. Me deitarei com todos que me peçam desde que eu sinta o mais leve desejo. (ibidem, p. 265)⁷

Sua angústia em relação ao corpo ia além da questão sexual; Pizarnik narra um desconforto constante consigo mesma, uma vontade de modificar partes de si que ela própria considera como bonitas ou defeitos imperceptíveis.

Incômodo com meu corpo. Se me oferecessem fazer-me de novo... O terrível de ser bela em certas partes e horrível em outras. Assim por exemplo, em vez dos meus bonitos olhos verdes e míopes preferiria um par de olhos castanhos sumamente vulgares. Em vez de meus quadris suavemente arredondados um corpo reto e magro, anguloso se querem, mas sem escoliose. O desvio de minha coluna é imperceptível mas eu o sinto, eu o sinto⁸. (PIZARNIK, 2003, p. 294).

Este incômodo não se dá apenas na instância física do ser, mas no âmbito do sujeito mesmo. Pizarnik traz uma auto narrativa que transborda a incapacidade de reconhecer-se e ao mesmo tempo um voltar-se para si, escrutinar-se minuciosamente, atentar-se a cada detalhe de sua aparência diante do espelho – um sujeito rompido, desassociado, que se angustia por não se ver completo em si mesmo, por não se constatar aquele que o olha de volta.

Daí, talvez, sua fascinação pela masturbação, pela “enorme possibilidade de transformações que oferece. Esse poder ser objeto e sujeito ao mesmo tempo... Abolição do tempo, do espaço...” (ibidem, p. 287)⁹. Um sujeito que se faz seu próprio objeto de desejo; e fazendo-se tal, desloca-se de si, pois “sabemos que a posse desse objeto que nos queima é impossível” (BATAILLE, 2017, p. 166). Se o objeto de desejo é impossível de se possuir, o sujeito que se masturba busca a própria posse a partir da desposse dele mesmo; lança-se para fora de si para possuir-se, possuir aquilo que nele se dá como objeto de desejo, e, assim, possuir-se por completo.

Para Georges Bataille, o erotismo é justamente o movimento do sujeito em direção ao objeto de desejo, em *fusão* com o objeto de desejo, para a reafirmação

da existência do próprio sujeito – em última instância, uma negação de sua morte, de sua desapareção. Ele afirma que “entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade” (ibidem, p. 36); o erotismo aparece como uma forma de superar essa descontinuidade, esse isolamento do ser através de sua fusão com o Outro. Bataille afirma, também, que “a poesia nos conduz ao mesmo ponto que cada forma do erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos” (BATAILLE, 2017, p. 48). A poesia também é uma tentativa de transpor esse abismo, uma busca pela continuidade perdida, pela completude do ser. E se para Bataille os movimentos do erotismo e da poesia são os mesmos, essa poesia que também é direcionada para si, construída a partir de si e sobre si também é uma tentativa de transpor um abismo não só entre o Eu e o Outro externo, mas em uma instância em que ambos Eu e Outro compartilham o mesmo corpo. Poderíamos dizer, parafraseando Bataille: entre um ser e si mesmo, há um abismo, há uma descontinuidade.

Bataille, no *prière d’inserer* da primeira edição de *A experiência interior*, afirma a poesia como “o signo que anuncia dilaceramentos interiores maiores” (BATAILLE, 2016, p. 260). Se impondo sobre o ser, violando-o, as palavras, intrínsecas à poesia, formam “essa areia em que nos afundamos para não ver” (ibidem, p. 45), um interstício entre o ser e si mesmo – e esse “‘si mesmo’ não é o sujeito que se isola do mundo, mas um lugar de comunicação, de fusão do sujeito e do objeto” (ibidem, p. 40). A poesia de Alejandra Pizarnik é contaminada por esse “si mesmo” relacional, descolado, incapaz de reconhecer-se. Bataille afirma, em *A literatura e o mal*, que “nós com efeito podemos definir o poético [...] por uma relação de *participação* do sujeito no objeto” (BATAILLE, 1989, p. 37. Grifo do autor.); em Pizarnik, sujeito e objeto se fundem e confundem – o próprio sujeito é objeto, e o objeto, sujeito – e partem de um mesmo lugar, familiar e estranho: o corpo.

“A poesia não sou eu quem a escreve” (PIZARNIK, 2003, p. 296)¹⁰, afirma Pizarnik em uma das passagens de seus diários. De fato, em muitos poemas, a poeta utiliza o pronome “tu” como que direcionado a si mesma, como aponta Ana Martins Marques no prefácio de *Os trabalhos e as noites*. Em outros, parece referir-se ao próprio poema, ao leitor, a um Outro ausente – externo ou interno. *A árvore de Diana* inicia-se justamente com esse lançar-se de si, narrado no poema “1.”.

1.

Eu dei o salto de mim à alba.
Eu deixei meu corpo junto a luz
e cantei a tristeza do que nasce

(PIZARNIK, 2018, p. 10)

A poeta sai de seu corpo através da palavra, mas da palavra sobre a qual ela mesma não tem controle. É uma narrativa que parte de si, mas de um si que não pode ser narrado. No poema “13.” do mesmo livro, ela escreve: “Explicar com palavras desse mundo/que partiu de mim um barco levando-me” (PIZARNIK, 2018, p. 41). Pizarnik dessujeita-se a partir da própria narrativa, lançada à deriva, perdendo-se como naufraga desse si mesmo incapturável pelas palavras que ele pronuncia. Como na masturbação, o sujeito se despossui ao tentar, desesperadamente, possuir-se; parte dele um barco levando-o. Trata-se desse si mesmo que é, fundamentalmente, “lugar de comunicação”. Mas essa desposseção pela narrativa não pode ser completa.

Para Bataille, a palavra é um obstáculo com o qual o sujeito se depara ao tentar alcançar o êxtase, a experiência interior; o que ele considera uma “experiência nua, livre de amarras, e mesmo de origem” (BATAILLE, 2016, p. 33), a verdadeira desposseção do ser. Esse estado de arrebatamento, de real comunicação, segundo o autor, não pode ser narrado ou atingido pelo caminho da narrativa, pois as palavras são sempre conhecidas pelo sujeito – e essa experiência é a revelação do *desconhecido*; não leva “a porto algum (mas a um lugar de extravio, de não-sentido)” (ibidem). É o sujeito deparando-se com a impossibilidade do conhecimento, da apreensão do saber, porque “aquele que já sabe não pode ir além de um horizonte conhecido” (ibidem). Talvez o dispêndio da poesia seja tentar alcançar, por meio do saber, esse estágio de não-saber, de desaparecimento da consciência e, em última instância, de si; mas o caminho conhecido não pode levar ao *desconhecido*.

A angústia de Pizarnik é essa: como explicar, através das “palavras desse mundo”, o barco que sai dela levando-a? Como alcançar o horizonte desconhecido que o barco à deriva procura, ultrapassar o horizonte conhecido que a palavra indica? E mais: como *não* explicar, como *não* alcançar, se a busca do ser é pela continuidade, pela fuga do conhecimento da morte – por navegar sem rumo e sem nunca realmente chegar no horizonte, concomitantemente passageiro e barco, procura e meio. A experiência interior não pode ser encontrada se buscada; ela é *comunicação*, é o ser realmente perdendo-se, saindo de si; os dispêndios – o erotismo, o riso, a poesia –, que buscam essa fuga, só apertam o ser mais e mais em direção a ele próprio. Eles definem “por si próprios uma lei de *comunicação* que regulava os jogos do isolamento e da perda dos seres” (ibidem, p. 29); atuam sob a falsa premissa de que por eles isola-se, por eles perde-se. Mas essa tentativa de transpor o abismo não deixa de ser um isolamento e uma perda. É um movimento duplo: a poesia, o riso, o erotismo, distanciam o sujeito de si ao mesmo tempo em que são a tentativa de transpor o abismo – o horizonte – que existe dentro dele mesmo. Eles levam a uma perda de si no momento em que o si também é um outro, em que se lança em direção a esse outro-si para buscar sua própria continuidade; mas reafirma-se a descontinuidade na medida em que o si e o outro ocupam o mesmo espaço. Na medida em que “o poético é o familiar dissolvendo-se no estranho, e nós mesmos com ele” (BATAILLE, 2016, p. 35), e que o estranho é também familiar; é a angústia de ver-se estranho a si mesmo reconhecendo-se como si mesmo. Nós mesmos nos dissolvendo no estranho que há em nós. A poesia também leva ao *desconhecido*; “é a parte de desconhecido que confere à

experiência de Deus – ou do poético – sua grande autoridade” (ibidem) – mesmo que o desconhecido seja o próprio ser.

14.

O poema que não digo,
O que não mereço.
Medo de ser duas
A caminho do espelho:
Alguém em mim adormecido
Me come e me bebe

(PIZARNIK, 2018, p. 43)

Esse duplo que somos, familiar e estranho – *heimlich* e *unheimlich* –, é, como considera Freud no texto “O estranho”, de 1919, um mecanismo de fuga da morte que acaba por se tornar um enunciado dela. Um exemplo é a ideia da alma imortal, que representa a permanência do ser independentemente de sua materialidade – mas assume também a potência de representar uma presença que amedronta, como as almas-penadas; uma presença que sobrevive à ausência do corpo físico, mas não mais de forma acolhedora. O espelho, trazido por Pizarnik no poema “14.”, também tem o poder de trazer à tona, ao mesmo tempo, a consciência da presença e da ausência de si, como nos mostra Michel Foucault na conferência “Outros espaços”, de 1967; “do lugar em que me encontro no espelho apercebo-me da ausência no lugar onde estou, uma vez que eu posso ver-me ali” (FOUCAULT, 2009, p. 415). Pizarnik, frente ao espelho, depara-se com esse estranho que a habita; é um sujeito que é tragado pelo outro que existe em si; “alguém em mim adormecido/me come e me bebe”. Diante da própria imagem, da própria presença ausente, Pizarnik escrutina-se, deseja-se, teme-se.

VERDE PARAÍSO

estranha que fui
quando vizinha de longínquas luzes
entesourava palavras muito puras
para criar novos silêncios

“O silêncio é uma palavra que não é uma palavra” (BATAILLE, 2016, p. 48), afirma Bataille; é “a abolição do barulho que a palavra é; entre todas as palavras, é a mais perversa, ou a mais poética: ela própria é a garantia de sua morte”. A palavra “silêncio” é a presença da ausência, como o sujeito que, frente à própria imagem, desloca-se de si. Talvez toda palavra poética seja essa presença ausente de si, essa percepção amedrontadora que segue o mesmo movimento da alma imortal que se transforma em alma penada. A palavra como negação da palavra, como uma palavra que se lança a *outra coisa*, mas através do caminho da palavra. Daí sua impossibilidade de se concretizar. É como se toda palavra de Alejandra fosse uma negação e uma reafirmação de si mesma, da presença de um outro em si mesma. “O enunciado é apenas um meio, e, até, tanto quanto um meio, um obstáculo; o que conta não é mais o enunciado do vento, é o vento” (BATAILLE, 2016, p. 45). O enunciado do silêncio é um obstáculo para o silêncio – mas então por que nomear o silêncio? Por que negar a palavra, entesourá-la – por meio de outras palavras – “para criar novos silêncios”?

NOMEAR-TE

Não o poema de sua ausência,
só um risco, uma greta em um muro,
algo no vento, um sabor amargo.

(PIZARNIK, 2018, p. 47)

Talvez nomear as coisas seja também uma forma de ausentar-se, de espelhar-se naquilo que se nomeia; de lançar-se à imortalidade da palavra como a alma que sai do corpo e sobe aos céus, de sair do sujeito e navegar à deriva em direção ao objeto – mas essa ausência provocada vai sempre traçar uma linha que aponta diretamente à presença daquele que nomeia. Como no espelho, a ausência leva à presença; há algo que resta, “algo no vento, um sabor amargo”, um rastro entre a palavra e aquele que a pronuncia. A palavra é uma forma de lançar-se em direção ao objeto, tentar fundir-se a ele para sobreviver, para reafirmar sua continuidade; mas quando ambos permanecem, sujeito e objeto, impossíveis de fundirem-se, o que resta é o abismo que existe entre os dois. Quando pronuncia a

palavra, o sujeito, em última instância, se separa cada vez mais daquele objeto com o qual busca fundir-se. E quando a palavra é pronunciada em direção ao outro-si, ao objeto que é si mesmo, então o sujeito separa-se mais ainda de si e aumenta o abismo que existe entre si e si mesmo.

28.

te afastas dos nomes
que fiam o silêncio das coisas

(PIZARNIK, 2018, p. 71)

É a incapacidade de perder-se *verdadeiramente* pela poesia, ou pelo erotismo, mas a necessidade de se tentar; é uma tentativa urgente e inescapável de transpor o abismo sem nunca chegar ao fundo realmente, sem nunca encontrar a continuidade. No fim das contas, talvez só se reforce a própria descontinuidade. Daí a angústia que não se satisfaz – “a única verdade do homem é ser uma súplica sem resposta” (BATAILLE, 2016, p. 44). O que sobra é o *silêncio*. Matando-se, Alejandra matou também o Outro que nela existia; “meu desejo de morrer vem de mim não estar em mim” (PIZARNIK, 2003, p. 359).¹¹ No dia 11 de novembro de 1962, ela escreve:

À noite devo ter sonhado algo muito importante pois detrás desse sonho ouvi que me dizia: “Acorde porque se continuar sonhando um segundo mais ficarás louca irrevogavelmente. O que estás por ver não pode ser visto por alguém que depois deseje retornar. O que vais ouvir é o mais importante que existe no mundo”. Eu me respondi (minha voz soava débil, doente): “Aceito tocar fundo”. Tive um medo espantoso. Me asfixiava, me doía o coração como se estivessem me perfurando. Duvidei um segundo mas me voltou a coragem de antes. Calculei e comparei a loucura e minha vida lúcida e repeti: “Quero ir até o final”.¹²(PIZARNIK, 2003, p. 362-363)

Dez anos depois, quando a encontraram semi-morta no apartamento onde morava em Buenos Aires, havia escrito no quadro negro que pendia da parede: “Não quero ir nada mais que até o fundo” (GUERRIERO, 2015, p. 335)¹³. Bataille afirma que “só nos desnudamos totalmente indo sem trapaças rumo ao desconhecido” (BATAILLE, 2016, p. 35); rumo ao fundo do abismo. Talvez fosse a ele que Alejandra se referia.

1 No original, em espanhol: “hacer con mi cuerpo el cuerpo del poema”. Tradução minha.

2 No original, em espanhol: “Ésta es mi originalidad, según creo. Una suerte de lesbiana normal”. Tradução minha.

3 No original, em espanhol: “Pero pasa que me asusta la palabra ‘homosexual’”. Prejuicios viejos en mi vida joven”. Tradução minha.

4 No original, em espanhol: “Miedo a desear y su contrario: el deseo absoluto imposible de satisfacer en este mundo”. Tradução minha.

5 No original, em espanhol: “siento un placer absoluto [em comer]. Por eso tanta culpa, tanta miseria posterior”. Tradução minha.

6 No original, em espanhol: “Una vez terminado el acto de amor hay una tristeza de deseos apagados, un desorden mudo, un arrepentimiento absurdo”. Tradução minha.

7 No original, em espanhol: “hoy a la mañana me dije que no me voy a negar nunca más ninguna experiencia sexual, sea con quien fuere. Hasta el presente mis experiencias fueron promiscuas, de hoy en adelante lo serán más. Me acostaré con todos los que me lo pidan en tanto yo sienta el más leve deseo”. Tradução minha.

8 No original, em espanhol: “Incomodidad con mi cuerpo. Si me ofrecieran hacerme de nuevo... Lo terrible de ser bella en ciertas partes y horrible en otras. Así por ejemplo, en vez de mis hermosos ojos verdes y miopes preferiría un par de ojos castaños sumamente vulgares. En vez de mis pequeñas caderas suavemente redondeadas un cuerpo derecho y delgado, anguloso si quieren, pero sin escoliosis. La desviación de mi columna es imperceptible pero yo la siento, yo la siento”. Tradução minha.

9 No original, em espanhol: “enorme posibilidad de transformaciones que ofrece. Ese poder ser objeto y sujeto al mismo tiempo... abolición del tiempo, del espacio...”. Tradução minha.

10 No original, em espanhol: “la poesía no soy yo quien la escribe”. Tradução minha.

11 No original, em espanhol: “mi deseo de morir viene de mí no estar en mí”. Tradução minha.

12 No original, em espanhol: “Anoche debo de haber soñado algo muy importante pues detrás de ese sueño oí que me decía: ‘Despierta porque si continúas soñando un solo segundo más te volverás loca irrevocablemente. Lo que estás por ver no puede ser visto por alguien que después desee retornar. Lo que has de oír es lo más importante que existe en el mundo’. Yo me respondí (mi voz sonaba débil, enferma): ‘Acepto tocar fondo’. Tuve un miedo espantoso. Me asfixiaba, me dolía el corazón como si me estuvieran perforando. Dudé un segundo pero me volvió el valor de antes. Calculé y comparé la locura y mi vida lúcida y repetí: ‘Quiero ir hasta el final’”. Tradução minha.

13 No original, em espanhol: “no quiero ir nada más que hasta el fondo”. Tradução minha.

Referências

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREUD, Sigmund. **Obras completas** v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GUERRIERO, Leila. **Los malditos**. Santiago: UDP, 2015.

PIZARNIK, Alejandra. **A árvore de Diana**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2018.

_____. **Os trabalhos e as noites**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2018.

_____. **Diarios**. Barcelona: Lumen, 2003.

Para citar este artigo

GUERRAA, A. R. R. A despossessão do corpo e a busca do impossível em Alejandra Pizarnik e Georges Bataille. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 1., 2020, p. 57-66.

A Autora

Anita Rivera Rivera Guerraa é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.